



História da Historiografia: International  
Journal of Theory and History of  
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História  
da Historiografia

Demenech, Pedro

Coleção e identidade na crítica de Ángel Rama nos anos setenta  
História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,

vol. 9, núm. 20, 2016, pp. 87-101

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597769575007>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

# Coleção e identidade na crítica de Ángel Rama nos anos setenta\*

Collection and identity in Ángel Rama's critique in the 1970s

---

**Pedro Demenech**

p\_demenech@yahoo.com.br

Doutorando em História Social da Cultura (PUC-Rio)

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea

22453-900 - Rio de Janeiro - RJ

Brasil

---

## Resumo

Este artigo analisa a trajetória intelectual de Ángel Rama (1926-1983), crítico uruguai, nos anos setenta. Quando lança *La generación crítica 1939-1969*, em 1972, projetava escrever um segundo tomo, pois o livro tem o subtítulo "I. Panoramas". Entretanto, jamais trabalhou nele novamente e isso é sintomático neste trabalho. No único livro dedicado à cultura de seu país, o Uruguai, Rama analisa os problemas no tom de nostalgia, notando que uma cultura de felicidade individual e confiança no Estado se desintegra. Surpreendido pelo golpe de Estado de 1973, Rama não pôde retornar à terra natal. Exilado, aprimora seu trabalho de crítico literário que já na década sessenta era reconhecido em *Marcha* e projetos coletivos de integração cultural, como na Casa de las Américas do governo cubano. Com a quebra de continuidade com seu passado, trabalha na criação da Biblioteca Ayacucho, em 1974, quando projeta uma história aberta ao futuro.

## Palavras-chave

Crítica; América Latina; Cultura.

87

## Abstract

This paper analyzes the intellectual trajectory of Ángel Rama (1926-1983), an Uruguayan critic from the 1970's. When he issued *La generación crítica 1939-1969*, in 1972, he intended to write a second volume, since the book's subtitle is "I. Panoramas". However, he never worked on it again, and this is symptomatic in this work. In his only book dedicated to his country's culture, Rama analyzes nostalgically the problems, noting that an individual-happiness culture with confidence in the State vanishes. Surprised by the 1973 coup, Rama could not return to his homeland. In the exile, he improves himself in his work as a literary critic, which already in the 1960's was recognized in *Marcha*, along with cultural-integration collective projects like the one in the Casa de las Américas, from the Cuban government. With the discontinuity of his past, he worked in the foundation of the Ayacucho Library, in 1974, when he planned a history opened to the future.

## Keywords

Criticism; Latin America; Culture.

---

Recebido em: 30/8/2015

Aprovado em: 18/2/2016

---

\* Este artigo conta com apoio financeiro da CAPES. Agradeço aos tradutores Wladimir Cazé e Marcelo Rouanet por revisarem as traduções no artigo e, também, ao meu orientador Ricardo Benzaquen de Araújo (PUC-Rio), a professora Maria Elisa Noronha de Sá (PUC-Rio) e Gustavo Naves Franco (UNIRIO) que leram e comentaram a primeira versão deste texto, parte da pesquisa que realizei no doutorado.

## Aspiração e nostalgia

No ano de 1972, Rama lança *La generación crítica 1939-1969*, uma reunião de notas, ensaios e artigos escritos durante os 20 anos anteriores, como pode se constatar pelo levantamento bibliográfico feito por Blixen e Barroz-Lémez (1986, p. 208-09). O projeto de Rama seria escrever um segundo livro sobre o assunto, pois o livro tem como subtítulo "I. Panoramas". Na nota introdutória, escrita em 1971, ele justifica: "Se o volume está numerado é porque aspiro em recolher, num segundo tomo, diversos ensaios, publicados e inéditos, sobre as obras e escritores do período que aqui se revisa panoramicamente e no próximo de forma monográfica" (RAMA 1972, p. 10).<sup>1</sup> Entretanto, jamais voltou a trabalhar nessa questão e acredito que isso é sintomático para este artigo.

Assim, no único livro dedicado sistematicamente ao estudo da cultura de seu país, o Uruguai, analisa os problemas no tom de nostalgia, lançando perguntas:

A pergunta que nos dirige o estrangeiro não é demasiadamente distinta da que vem formulando o homem comum uruguai, embora este, obviamente, com maior desconcerto e emoção: Que aconteceu conosco? Por que nós chegamos a isto? Como foi que se perdeu aquele Uruguai? Como se acabou assim, tão de golpe, com bem-estar, o civilismo, a democracia? (RAMA 1972, p. 11).<sup>2</sup>

Todas essas perguntas são sinônimos para somente uma questão: o que ocorre com a cultura uruguaia? A percepção de um Uruguai sustentado pela felicidade individual e a confiança no Estado estava se desintegrando. Isso coloca em cheque a reforma social modernizadora conhecida como *battlismo*, iniciada pelo presidente José Battle y Ordoñez logo na primeira década do século XX, que produzia, ou ao menos, respaldava uma série de valores sociais que davam aos uruguaios a sensação de serem diferentes de seus vizinhos latino-americanos, com cidadãos exemplarmente educados e instituições sociais e políticas democráticas – conhecido naquele momento por "Suíça das Américas".

Assim, a cultura cunhada no *battlismo* dava sinais de desgaste desde a década de 1950. Juan Fló<sup>3</sup> escreveu que essa situação gerava observadores hipocríticos sem que se tornassem agentes ativos na transformação social. Como consequência, esse critionmo, essencial à vida intelectual, teria produzido uma paralisia diante das circunstâncias instauradas. A visão de futuro para Fló seria a seguinte: "Se fosse possível fazer previsões, poderíamos dizer que nosso destino é salvar nós mesmos como exceção ou indivíduos. Nenhum de nós, já

<sup>1</sup> No original: "Si el volumen está numerado es porque aspiro a recoger, en un segundo tomo, diversos ensayos, éditos e inéditos, sobre las obras y escritores del período que aquí se revisa panorámicamente y en el próximo en forma monográfica". As traduções são minhas.

<sup>2</sup> No original: "La pregunta que nos dirige el extranjero no es demasiado distinta de la que se ha venido formulando el hombre común uruguayo, aunque éste, obviamente, com mayor desconcierto y emoción: ¿Qué nos ha pasado? ¿Por qué hemos llegado a esto? ¿Cómo fue que se nos perdió aquel Uruguay? ¿Cómo se conluyó así, tan de golpe, el bienestar, el civilismo, la democracia?".

<sup>3</sup> Trata-se do ensaio *Problemas de la juventud en nuestro país*, de 1952, feito para um concurso organizado por Marcha. Fló, com 21 anos, percebeu um problema do qual a intelectualidade uruguaia se ocuparia nas duas décadas seguintes, até o golpe de Estado de 1973. Anos mais tarde, Fló tornou-se professor de estética na *Universidad de la República*. Parte dessa reflexão foi elaborada a partir da troca de informações que tive com Fló.

que existimos somente como potência, tem a capacidade de justificar a vida cinzenta em que vivemos" (FLÓ *apud* GREGORY 2009, p. 7).

Fló, nessa análise, não oferece soluções nem grandes esquemas: ataca o individualismo como possível causa da paralisia. Porém, 20 anos após a publicação do ensaio, a sociedade uruguaia via seu estilo de vida ruir com a chegada da década de 1970, quando o presidente eleito, Juan María Bordaberry (1972-1976), tornou-se ditador.

Um historiador fez a seguinte observação no livro *La conciencia histórica uruguaya*: "Uruguai, um país sem problemas, de repente tornou-se um país problemático" (TORRES WILSON *apud* GREGORY 2009, p. 1). O espanto de Torres Wilson e os questionamentos de Fló nos levam até algo desejado com grande intensidade e que não se realiza. Esse fenômeno, que parece acontecer repentinamente, parece ser inexplicável: diagnosticam as causas, porém parecem estarrecidos com os acontecimentos. A narrativa sobre o Uruguai não mais existia ou já estava agonizando.

Deste modo, constatando também o problema, Rama formula o seguinte pensamento:

Quando o questionador da vez se afasta, podemos refletir um instante: nesse uruguai, a pergunta pelas causas antecede, como absurdo e obsessivo ritornelo, a inquisição acerca do futuro, embora seja esta, obviamente, a interrogação que urge. Nessa inversão de prioridades tocamos o coração do desconcerto: a nostalgia de um paraíso idealizado, já perdido; a teimosia com que se saí a perguntar por algo que já não existe; o matiz desvalido ou rancoroso com que se pedem contas ao passado. Porque, agora, agora mesmo, se comprehende o engano que se viveu e há todo um passado oficial que se revela como fraude (RAMA 1972, p. 11).<sup>4</sup>

89

A composição e diluição da cultura uruguaia estudada por Rama trazem a questão da desagregação da unidade nacional uruguaia. Aquele país do *battlismo* se desgasta e as falhas econômicas e sociais expõem os problemas de um sistema de valores no qual a sociedade fora alçada. Para Rama, o problema residia na incapacidade dos intelectuais uruguaios se articularem por mudanças sociais, enfrentando a ordem estabelecida. Entretanto, o próprio Rama, após *Lá Generación Crítica* e o golpe, vai deslocando suas questões para a formação de outra unidade, já que o Uruguai não poderia mais ser a síntese daqueles valores que ele defendia publicamente.

Segundo Blixen e Barros-Lémez (1986, p. 48), a partir desse momento a carreira e os projetos de Rama vão se desenvolvendo no exterior à medida que amplia e sistematiza seus horizontes e conhecimentos sobre a América.

<sup>4</sup> No original: "Cuando el preguntante de turno se aleja, podemos reflexionar un instante: en ese uruguayo, la pregunta por las causas antecede, como absurdo y obsesivo ritornelo, a la inquisición acerca del futuro, aunque sea esta, obviamente, la interrogación que urge. En ese trastruque de prioridades tocamos el corazón del desconcierto: la nostalgia de un idealizado paraíso, ya perdido; el empecinamiento con que se sale a preguntar por algo que ya no existe; el matiz desvalido o rancoroso con que se le piden cuentas al pasado. Porque ahora, recién ahora, se comprende el engaño en que se ha vivido y hay todo un pasado oficial que se revela como un fraude".

Uma vez na Venezuela, surpreendido pelo golpe de Estado no Uruguai, Rama trabalha como professor da Escola de Letras da Universidade Central da Venezuela<sup>5</sup> e toma conhecimento de que não pode retornar à sua terra natal. A partir da chegada dos militares ao poder, aquele Uruguai, fruto do *battlismo*, foi desmantelado pelo próprio Estado – que governou a partir do estado de exceção, suspendendo a ordem democrática. Esse evento põe um ponto final na cultura em que Rama se formou.

Rama abandonou o que deveria ter sido o segundo tomo de *La Generación Crítica*, porém, em seus estudos sobre o Uruguai encontramos as chaves que lhe auxiliaram no estudo da cultura na América Latina. Nesse sentido existe uma passagem do nacional ao continental na obra crítica de Rama. E, embora as dificuldades, Rama vive, nesse período, um momento intenso de produção intelectual e se coloca na condição de intelectual latino-americano. Segundo Peyrou (2007, p. 27), o exílio se transforma num acicate que impulsiona seu vigor intelectual.

Com o futuro desmantelado, faz sentido que a nostalgia se manifeste, afinal, um passado sólido se desmontou. E a forma com que Rama o analisa nos revela outra face sua atuação: a trágica. Assim, o juízo de Rama está próximo da reflexão de Rosset (1989), em *Lógica do Pior*, que considera o enfrentamento da realidade como a impossibilidade de reverter a ordem estabelecida. Entretanto, esse é o paradoxo dessa lógica: reconhecer o impossível é a possibilidade de pensar o impensado e estabelecer um discurso à margem do oficial. Rama, então, se volta para a revisão dos valores sociais em que foi criado e estabelece uma busca por um equilíbrio social que permanece instável.

Essa face trágica de Rama contrasta com aquele passado idealizado, que se lança cegamente em direção ao futuro. Quando Rama e sua vida são brutalmente transplantados, ele se obriga a criar elementos que lhe auxiliam numa direção oposta ao paraíso perdido de *La Generación Crítica*. O transplante de uma terra a outra, acredito, contribuiu ainda mais para a articulação que Rama faz entre sua história pessoal com a da América Latina.

Insatisfeito com o presente, Rama enfrenta e experimenta uma ruptura tanto material como simbólica com o passado uruguai, encerrado pela consciência de não poder voltar para casa. Nesse período começa a escrever um diário que o acompanha durante seu desterro. Desvinculado de sua terra natal, abre o diário, em primeiro de setembro de 1974, da seguinte forma:

Nesta idade, normalmente, se redigem as memórias. Na falta delas, me decido por uma anotação de diário, nem público nem íntimo. Com os perigos do solilóquio (esse enrarecimento da vida do ser deslocado de seus eixos naturais) mas também com os benefícios da subjetividade, particularmente num ser humano que sempre procurou substituí-la pelas coordenadas intelectuais ou comunitárias (trabalho, movimentos políticos).

[...]

---

<sup>5</sup> No levantamento de Blixen e Barros-Lémez (1986, p. 48), constata-se que Rama dava, nesse período, três cursos: *Estrutura da poesia latino-americana*, *Introdução à simbologia* e *A novela breve de Juan Carlos Onetti*.

*Tudo tem a ver com essas feridas secretas, ou essas obsessões e temores que me acompanham desde sempre, vivos e irresolutos, e que pedem uma consideração (RAMA 2008, p. 43-44 passim).<sup>6</sup>*

Acredito que o diário escrito por Rama ajude a mapear as principais questões de seu pensamento crítico, pois segundo Rosa (2009, p. 39) esse texto serve como ferramenta para pensar e acompanhar tanto o desenrolar de questões pessoais de Rama como fatos que marcam a história da América Latina. Nesse sentido parece que Rama opta pela produção de um futuro. Quando viu que aquele tempo e espaço uruguaios se fecharem no horizonte, restou-lhe abrir outros que não seriam encerrados por questões políticas. A política é cada vez mais deslocada para o âmbito da cultura, pois lhe possibilita incorporar o inesperado a sua própria narrativa pessoal.

Poderíamos contar, também, com a análise de Pachet sobre diários íntimos, ao abordá-los como uma narrativa que se passa fora do tempo histórico regular (PACHET 1990, p. 9), pois não são produzidos por regras sociais que regulam a atuação de quem o escreve. Porém, essa característica pode ser temporária, já que um diário publicado passa a integrar e interagir com a obra de quem o produziu. Assim, diante das dificuldades que cercam o indivíduo, o diário pode ser um “instrumento de aperfeiçoamento moral”, lugar de trabalho da alma (PACHET 1990, p. 13).<sup>7</sup> A origem dessa prática é religiosa, embora, com fenômeno de secularização moderna passe a se proliferar entre os sujeitos que procuram se singularizar perante a massificação que atinge a sociedade, principalmente, após a Revolução Industrial. Porém, diferente de quem se confessa, o escritor de diários não segue estritamente práticas e ritos regulados por valores religiosos. O diário é, então, como um barômetro que registra acontecimentos, escolhas, percalços, entre outros fatos, que são incorporados ou não pela alma. Deste modo, o diário é capaz de medir a consciência e criar uma unidade que pode vir a ser incorporada na história.

O diário íntimo seria uma metonímia do seu escritor. A construção de um diário é, geralmente, atrelada às experiências do sujeito, mesmo que não haja um compromisso efetivo com a verdade. Funciona como um depósito de *souvenires*, que garante autenticidade às experiências de quem o escreve, pois sua narrativa passa a estar vinculada com a do escritor que, a partir dela, procura urdir a reflexão interna com os eventos exteriores do seu cotidiano.<sup>8</sup>

O escrutínio das *feridas secretas* reabertas por Rama deve ser entendido como um lançar-se ao futuro. Diferente da concepção que vislumbra o presente enquanto prolongação do passado, quando uma memória se atualiza, o sentido é outro: a lembrança do diário está mais próxima da aspiração de se aventurar,

<sup>6</sup> No original: “A esta edad, normalmente, se redactan las memorias. A falta de ellas, me decido por una anotación de diario, ni público ni íntimo. Con los peligros del soliloquio (ese enrarecimiento del vivir al ser desgonzado de sus naturales quicios) pero también con los beneficios de la subjetividad, particularmente en un ser humano que siempre ha procurado reemplazarla por las coordenadas intelectuales o las comunitarias (trabajo, movimientos políticos). [...] Todo tiene que ver con esas heridas secretas, o esas obsesiones y temores que me acompañan de siempre, vivas e irresolutas, y que llaman a una consideración”.

<sup>7</sup> O termo “alma” designa o movimento que o indivíduo sente acontecer dentro de si, um aflorar da subjetividade na medida em que ele está se conectando ao mundo.

<sup>8</sup> Parte dessa reflexão é inspirada no estudo de Stewart (1993).

afinal, o passado não aparece mais como província segura.

Manter as feridas secretas abertas à consideração, deixar elas vivas e irresolutas. Ora, essa preferência soa estranha quando se procura a solução viável aos impasses. Não parece ser esse o caminho escolhido por Rama, afinal, seus questionamentos *nem íntimos, nem públicos* apontam para direção oposta à resolução. Resistir ao conflito, incorporar suas experiências e lições e organizá-las numa narrativa são alguns dos trabalhos realizados por Rama.

Essas reflexões de Rama são próximas da elaboração que Stewart (1993) tece sobre a narrativa, vista como estrutura de desejo capaz de inventar seus objetos para se distanciar deles, logo que são inscritos num intervalo daquilo que se deseja e do que é desejado – o futuro frustrado pela indisposição do passado em deter-se no presente.

Na verdade, uma busca vã: a entrada no paraíso, já perdido; a teimosia cínica de sair perguntando por algo que já não existe; pedir rancorosamente que o passado preste contas. Nada disso, aliás, auxilia no trabalho de cicatrização das feridas, apenas as esconde sob a instabilidade do presente. Rama, então, tentando acertar-se com o passado, aproxima-se da nostalgia da perda e da aspiração do que pode ganhar. Para isso, Stewart (1993) dá o nome de *doença social da nostalgia* e diz que não há cura, mas a localização de seu sintoma pode inscrever a relação numa narrativa de possível origem para o objeto que se deseja (no caso de Rama, a América Latina).

92

A palavra *longing*, do inglês, é a pedra-de-toque dessa relação. Para Stewart, seus significados estão relacionados ao *desejo ardente*, às *fantasias extravagantes das mulheres durante a gravidez* e ao *pertencimento*. Entretanto, traduzida para o português, pode ser entendida simultaneamente como *saudade* – desejo de reavivar algo que já se passou – e *aspiração*, enquanto vontade de realização. A saudade dirige sua força ao passado, a aspiração para o futuro. Assim, quando o *desejo ardente* não se realiza, o futuro torna-se passado: um futuro passado que, segundo Stewart, é adiado na origem e no fim da narrativa que o engendra. A localização do que seria o desejo está subordinada a uma formação histórica.

É o *absurdo e obsessivo ritornelo* daquele *desconcerto uruguai* de *La Generación crítica* quando o futuro é interrogado por Rama que, também, está presente em sua alma:

Viver na insegurança, de um dia para o outro, sem saber o que será do amanhã, como num incessante colapso. Não consigo acostumar-me. Toda a cultura uruguaia de meus anos se edificou contra essa situação, construindo um quadro vigoroso e planificado destinado a instaurar a segurança.

Vi-o desfazer-se como uma rede mal tecida. Deixou-nos todos flutuando no vazio. A mim com a sensação constante de viagem por desfiladeiros pedregosos entre cataclismos, faísca que explodem, terra que se racha, ar seco, perigos e emboscadas inevitáveis. Dessa condição é possível que proceda a resignação com que me vejo seguindo adiante, com calma ou inconsciência, com indulgência (RAMA 2008, p. 51-52).<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> No original: "Vivir en la inseguridad, al día, sin saber que será de uno mañana, como en un incesante derrumbamiento. No consigo acostumbrarme. Toda la cultura uruguaya de mis años se edificó contra esa

Recusar o presente pode parecer insanidade, mas não é essa a questão de Rama. Quando o destino *vigoroso e planificado* se rompe, o elo com o passado é desfeito. Assim, o *desejo ardente*, de que fala Stewart, vai sendo ressignificado: o conjunto de fios que sustenta a rede da narrativa uruguai, agora à deriva, se desfaz. Entre as desventuras, uma escolha: enfrentar a circunstância e transcendê-la tanto material como simbolicamente à medida que outra narrativa é tecida. A reconstrução da história, nesse caso, repete-se como diferença. Recolocando seu desejo no mundo e se reposicionando, Rama vai, aos poucos, reformulando aquilo que lhe escapou.

Como no conto "O Aleph", de Jorge Luis Borges, quando o narrador se depara com uma pequena esfera que o coloca no "lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do orbe, vistos de todos os ângulos" (BORGES 2000, p. 693), mas sem que o passado possa ser recuperado. Nesse aleph, o tempo está sujeito ao espaço, tornando-se história quando o presente se desfaz – como sucede com o diário de Rama.

Assim, quando as *fantasias extravagantes* estão próximas da aspiração, remetem a um lugar idealizado de origem, uma paisagem intocada pelo homem. Implicam uma separação entre a *realidade biológica* (o útero, a origem) e a *realidade cultural* que dá sentido à narrativa, como a maternidade que inscreve o ser humano no mundo. A existência de uma anterioridade permite a cultura se assentar, como Rama deslocado de seus *eixos naturais*, tendo que se reinserir em outra cultura.

A mudança forçada para uma realidade distinta da que lhe formou impele esse movimento. O rompimento com o vínculo uruguai faz com que pedaços e pequenas memórias sejam incorporados às bases existências de sua nova condição. Infância, família, coordenadas intelectuais e o próprio passado enfraquecem com a sensação de perder aquilo que lhe pertencia. Entretanto, do vínculo rompido com o passado nasce outro, ainda mais forte: a aspiração de aproximar-se da América Latina, através de sua cultura.

Quando o sentimento de pertencer à cultura de origem já não é mais concreto, cabe engendrar outra via de pertencimento. Deste modo, Rama produz uma história pessoal e aberta para o futuro. Trata-se de uma história mais aberta e porosa, oposta ao destino planificado que se transforma em futuro passado porque não se realiza.

Rama, em Caracas, condiciona sua vida a um novo estilo e produz a centelha que estreita o seu vínculo com a cultura latino-americana, projeta e renova seu fôlego enquanto homem público.

No *El Nacional* um jornalista cultural (espanhol, claro embora morando no país há cerca de trinta anos) arremete contra nosso projeto da Biblioteca Ayacucho recorrendo a argumentos do século XIX de Menéndez Pelayo:

---

situación, construyendo un entramado vigoroso y planificado destinado a instaurar la seguridad. Lo vi deshacerse como una redé mal tejida. Nos dejó a todos flotando en el vacío. A mí con la sensación constante del viaje por desfiladeros pedregosos entre cataclismos, centellas que revientan, tierra que se resquebraja, aire seco, peligros y acechanzas inevitables. De esa condición es posible que proceda la resignación con que me veo siguiendo adelante, con calma o inconsciencia, con indulgencia".

que existe uma unidade fornecida pela língua e que portanto só se pode encarar uma coleção onde estejam os clássicos espanhóis. Até aqui é simplesmente um extemporâneo uso de uma velha tese que os espanhóis já não aplicam, nem nunca aplicaram: não existe nenhuma biblioteca espanhola (Ribadeneyra, Clássicos Catelhanos) que incorpore os hispano-americanos em plano de igualdade com os castelhanos e que junto de Bécquer publique Sarmiento. [...] Aqui sai à luz o velho e único desprezo dissimulado pelas antigas colônias que segue habitando no peito dos espanhóis e que só os grandes espíritos (como Unamuno) foram capazes de vencer para ler, comentar e debater com toda liberdade e num mesmo plano, o peninsular e o hispano-americano (RAMA 2008, p. 52).<sup>10</sup>

Rama defende o que foi sua maior obra em vida: a Biblioteca Ayacucho. Contrário às posições de Menéndez Pelayo (gramático e historiador da literatura espanhola), Rama não enxerga a cultura americana subordinada à história da Espanha e nem aceita totalmente que a língua e a conquista espanholas sejam as chaves de leitura para a unidade latino-americana. E escreve, como que se queixando, “que quinhentos anos de história cultural não possam nos dar trezentos volumes qualificados seria certificar a inferioridade de um povo e uma verdadeira fatalidade histórica que o condenaria para sempre à esterilidade”<sup>11</sup> (RAMA 2008, p. 53).

Trata-se de interpretar a história cultural latino-americana em igualdade com a da Europa e, assim, produzir um sentido contrário a essa fatalidade que condena o continente à esterilidade. Rama, nesse sentido, dá-se o trabalho de tornar visível uma história que estaria em constante movimento e que lhe permitiria enfrentar e pressionar, até a fimbria, o futuro passado que, em primeira instância, paralisa.

A partir disso, lidou com inúmeras questões que o levam a pensar sobre o passado e o futuro da América Latina (que naquele momento eram submetidos às ditaduras), como também o sentimento de nostalgia que o acomete. Todos esses pontos se conectam com a esperança de definir e conceituar uma ideia de cultura para o espaço latino-americano. Preocupado com a dimensão do futuro, Rama projeta a Biblioteca Ayacucho como instrumento de articulação entre a história cultural latino-americana com as obras que a imaginam e a projetam no tempo.

### O corpo da história: forma da aspiração

A Biblioteca Ayacucho foi criada pelo governo venezuelano em 1974, quando se completaram 150 anos da batalha de Ayacucho liderada pelo general

<sup>10</sup> No original: “En *El Nacional* un periodista cultural (español, claro aunque a vecinado en el país desde hace treinta años) arremete contra nuestro proyecto de Biblioteca Ayacucho aduciendo los argumentos del Siglo XIX de Menéndez Pelayo: que hay una unidad que presta la lengua y que por lo tanto sólo puede encararse una colección donde estén los clásicos españoles. Hasta aquí es simplemente un extemporáneo uso de una tesis vieja que los españoles ya no aplican, ni di hecho nunca aplicaron: no existe ninguna biblioteca española (Ribadeneyra, Clásicos Castellanos) que incorpore a los hispanoamericanos en plano de igualdad con los castellanos y que junto a Bécquer publique a Sarmiento. [...] Aquí sale a luz el viejo y sólo emboscado desprecio por las antiguas colonias que sigue anidando en el pecho de los españoles y que sólo los grandes espíritus (como Unamuno) fueron capaces de vencer para leer, comentar y debatir con toda libertad y un mismo plano, lo peninsular y lo hispanoamericano”.

<sup>11</sup> No original: “que quinientos años de historia cultural no puedan depararnos trescientos volúmenes calificados sería certificar la inferioridad de un pueblo y una verdadera fatalidad histórica que lo condenaría por siempre a la esterilidad”.

venezuelano Antonio José Sucre, que pôs fim ao domínio espanhol na América. O projeto inicial consistiu numa biblioteca fechada em cerca de trezentos volumes onde seriam selecionados os principais autores e obras da literatura, da história e do pensamento da América (hispânica, portuguesa e francesa).

Sua inauguração coincide com o que teria sido a *Grande Venezuela* sob o governo do presidente Carlos Andrés Pérez, eleito democraticamente, ao projetar uma modernização cultural que intensificaria a produção de valores e conceitos na sociedade venezuelana. Na década de 1970, o alto preço do petróleo no mercado internacional deu ao governo de Andrés Pérez uma posição privilegiada no cenário político, o que chama a atenção dos países latino-americanos, principalmente no Cone Sul que, dado as ditaduras, viveu uma verdadeira diáspora populacional.

Parte dessa população migrou para a Venezuela, onde seria absorvida numa rede de instituições dedicadas ao estudo e a promoção da cultura na América Latina. A editora Monte Ávila e o Centro de Estudos Latino-americanos Rómulos Gallegos (CELARG) são dois exemplos de instituições patrocinadas pelo Estado que, também, auxiliam na criação da Biblioteca Ayacucho.<sup>12</sup> Entretanto, além da privilegiada situação econômica e desse aporte cultural, o surgimento da Biblioteca Ayacucho, acredito, é produto do que Stewart (1993) identifica como "doença social da nostalgia". Após a década de 1970, a América Latina vê o esfacelamento da cultura democrática que vinha sendo gestada desde o final dos anos cinquenta, impulsionada e inspirada na Revolução Cubana.

Assim, entre aqueles anos, a América Latina transforma-se numa unidade conceitual em que aspectos nacionais têm caráter secundário. O plano cultural aparece marcado por um viés internacionalista, colocando em segundo plano as decisões governamentais. Esse enfrentamento e a elevação da cultura ao plano internacional marcam a formação de uma "nova paideia" latino-americana que, segundo Gilman (2012, p. 27-33), produz a legitimidade discursiva e o espaço público necessários para sedimentar a vocação latino-americana, de caráter internacionalista.

Nesse sentido a Biblioteca Ayacucho aparece como mecanismo que impulsiona essa narrativa sobre a história da América Latina, expressando uma formação dos povos e, deste modo, procurando integrá-los ao celebrar a independência e o progresso cultural de que comungam. Esse gesto está impresso no texto de orelha dos primeiros volumes, lançados na segunda metade da década de 1970. Vejamos:

[...] através desta coleção se busca pôr em prática um dispositivo que se oriente para manter a vigência do legado civilizador e coletivo da América e que sirva como aglutinação dinâmica dos intelectuais do Continente, como estímulo para a defesa, difusão e comunicação do pensamento e a formação de uma área comum para a circulação das ideias e dos livros (BIBLIOTECA AYACUCHO 1978).<sup>13</sup>

95

<sup>12</sup> O trabalho de GORDON-BURROUGHS (2014) mapeia as políticas culturais do governo venezuelano.

<sup>13</sup> No original: "a través de esta colección se busca poner en práctica un dispositivo que se oriente a mantener la vigencia del legado civilizador y colectivo de América y que sirva a manera de aglutinación dinámica de los

Ao abrir os livros, a citação acima é parte da primeira informação visualizada dentro dos volumes. A Biblioteca Ayacucho aparece como ponto de encontro para uma comunidade de leitores latino-americanos, especialmente os intelectuais dispersos pelo mundo (Europa, Estados Unidos e os vários países do continente). O desejo de formar uma unidade expressa-se na conexão entre a biblioteca e seus leitores e, assim, são construídos os elementos que a integram. Embora imaginados, esses dispositivos garantem a produção dos contextos na disputa pelos elementos que integram o conjunto de narrativas sobre a América Latina. Essa narrativa da coleção conecta outras inúmeras narrativas individuais a algo maior, unindo-as nesse espaço imaginado. A Biblioteca Ayacucho é um instrumento que insere as pessoas num tempo e espaço ordenados, sobrepondo-se às experiências individuais. Deste modo, a existência material e abstrata da coleção garante que uma autoridade agregue essas distintas comunidades e gere elementos para o desenvolvimento de uma cultura.

Como consequência disso, através da Biblioteca Ayacucho, é possível produzir um novo texto sobre a América Latina, reestruturando outra realidade possível, que não aquele destruído pelos governos militares. Leiamos:

A BIBLIOTECA AYACUCHO [...] está destinada a recolher as mais importantes obras da criação e do pensamento latino-americanos, desde da origem até o presente, cuidadas, prologadas e anotadas por especialistas de reconhecida competência em seus respectivos gêneros. A BIBLIOTECA AYACUCHO é, em síntese, uma homenagem permanente [...] à cultura de nossa América, já que pretende se constituir no repositório de sua rica tradição literária, destacando o que há de lição viva e presente para as gerações atuais e o que nela convoca a uma plena autonomia intelectual e a uma ampla unidade cultural (BIBLIOTECA AYACUCHO 1978).<sup>14</sup>

96

Os elementos internos aos livros da Biblioteca Ayacucho garantem a estrutura da narrativa da coleção, que é produzida externamente. Parte disso, foi projetado numa concepção do artista gráfico argentino Juan Fresán: (1) a arte das capas, valorizando artistas latino-americanos, com imagem ou motivo que correspondem ao momento histórico do volume; (2) a tipografia do livro e a logomarca em negativo, com o B cravado no A. Elementos visuais que convergem com o propósito da Biblioteca Ayacucho de resgate da tradição e construção de um cânon literário para a América Latina.

Nesse sentido a “edição crítica” dos livros é tão importante quanto os elementos visuais. Pensado por Ángel Rama, os volumes da Biblioteca Ayacucho são integrados por um prólogo, os textos autorais, a cronologia (dividida em três partes: (a) vida e obra do autor, (b) o país do autor e a América Latina e (c) mundo externo) e a bibliografia sobre o tema que integra o volume. Em vários

---

intelectuales del Continente, como estímulo para la defensa, difusión y comunicación del pensamiento y la formación de un área común para la circulación de las ideas y los libros”.

<sup>14</sup> No original: “LA BIBLIOTECA AYACUCHO [...] está destinada a recoger las más importantes obras de la creación y del pensamiento latinoamericanos, desde los orígenes hasta el presente, cuidadas, prologadas y anotadas por especialistas de reconocida competencia en sus respectivos géneros. LA BIBLIOTECA AYACUCHO es, en síntesis, un homenaje permanente [...] a la cultura de nuestra América, a la vez que pretende constituirse en el repositorio de su rica tradición literaria, subrayando lo que tiene de lección viva y presente para las generaciones actuales y lo que en ella convoca a una plena autonomía intelectual y a una amplia unidad cultural”.

casos, uma obra perde seu *status* para ser integrada aos volumes.

Esses aspectos conectados entre si engendram a estrutura do edifício cultural da biblioteca e oferecem uma dupla possibilidade de transcendência: a primeira, quando ordena a história numa narrativa estruturada, diferente das sucessões cotidianas; segunda, ao se organizar por concepções plásticas de tempo e espaço que estão incorporadas no interior da coleção. Assim, os valores que organizam a coleção dão a ela uma condição espiritual, com vida própria e fora do tempo hodierno. Em vez de criar sua unidade a partir do exterior, tendo a Europa como modelo, a Biblioteca Ayacucho realiza uma unidade a partir do interior, de dentro da própria América. Nesse sentido a forma da Biblioteca Ayacucho é aberta para receber novos elementos que fortalecem o corpo de sua narrativa.

Vamos nos afastando da posição que enxerga a cultura como forma acabada: se a civilização americana é metáfora para a cultura na América, cada volume da Biblioteca Ayacucho é uma metonímia que atualiza a virtual unidade americana. Deste modo, o arquivo da cultura mantém viva a história da autonomia e unidade latino-americanas.

O sentido que Biblioteca Ayacucho dá aos livros é próximo ao de um *souvenir*, quando garante autenticidade a uma experiência vivida. Isso está expresso quando esses *souvenires* são organizados num mesmo espaço: a distância temática e temporal desses volumes é que confere intimidade para integrarem uma mesma coleção como, desse modo, é a separação das obras de seus “locais de origem” que restaura sua expressão no universo da Biblioteca Ayacucho. Essa dialética do *souvenir* segundo Stewart (1993) promove a invenção, fusão e sobreposição de narrativas, dando a autenticidade de que necessitam para existir.

Parte dessa abertura, também, está expressa no que Lukács entende como estado de aspiração (LUKÁCS 1978, p. 91-92). O sentimento de proximidade e distância, o senso de união e de estar separado, nesse estado, garantem tanto o entendimento como criam uma sensibilidade de estar fora do tempo e do espaço que são rememorados pelo *souvenir*. A outra questão nasce da sobreposição entre narrativas, principalmente quando a condição do futuro é precária. Percebe-se que, na Biblioteca Ayacucho, a abertura da cultura garante que passado e futuro sejam incorporados dentro de uma mesma coleção. Essas temporalidades se dispõem do seguinte modo: (a) uma sincrônica, integrando diferentes obras e épocas culturais num mesmo espaço, e, (b) outra diacrônica, quando coloca o passado em diálogo com o presente, abrindo-se para o futuro.

Assim, a cultura aparece de forma mais frouxa e ambígua nesse cenário latino-americano, marcado pela precariedade dos valores e futuros frustrados pelas ditaduras, embora sejam essas duas que impulsionam o caráter sólido da Biblioteca Ayacucho como instrumento de integração que engendra novas narrativas – aliás, sua importância aumenta à medida que o domínio de sua narrativa parece diminuir. Mantendo-se aberta, aspira cumprir sua função à medida que surgem novos elementos para integrar a história. E essa abertura começa a aparecer cada vez mais na obra de Ángel Rama que abandona a resolução dos conflitos na forma de síntese, para incorporar a complexidade da

cultura latino-americana.

Por conta das atividades que Rama desenvolve ao assumir um cargo na Biblioteca Ayacucho, as concepções desenvolvidas por ele anteriormente são revisadas. Antes, se ele enfatizava as contradições da sociedade uruguaia, agora, assume uma postura de lidar com os “antagonismos em equilíbrio” e a “síntese dos opositores” que formam a sociedade americana, oscilando entre a abertura do processo e a concretização do projeto da unidade americana.<sup>15</sup>

Deste modo, ao leremos o diário de Rama, podemos ver que parte de sua narrativa pessoal passa a se confundir com a da cultura latino-americana, principalmente quando assume o cargo de diretor literário na Biblioteca Ayacucho. E escutando sugestões para a biblioteca, anota em 18 de setembro de 1974:

Quase nada de interesse, sobretudo por causa da estreiteza nacionalista dos olhares [...] Comprovo, e com a melhor audiência possível, a atroz incomunicação latino-americana. E, mais que nada, a ausência de um verdadeiro plano continental, unitário para medir sua criação cultural, aplicando na ótica crítica essa consciência latino-americana de que tanto se fala e que tão escassamente se pratica (RAMA 2008, p. 53).<sup>16</sup>

Notamos que seu interesse de criar uma “consciência latino-americana” (ao menos, pô-la em prática) transforma a Biblioteca Ayacucho num instrumento para medir a criação cultural. Além de arquivo, a biblioteca é, também, um barômetro que registra a amplitude crítica da consciência, dando coordenadas para sua concretização. Assim, prezando a autonomia (política e cultural), é interessante notar que o primeiro volume da coleção seja *Doctrinas del Libertador*, dedicado a Simón Bolívar e que procura apresentar os diversos aspectos do pensamento desse personagem e reconstruir o ideário da união entre os países da América Latina.

Eis um trecho da apresentação, alocado no catálogo das coleções e dos livros da Biblioteca Ayacucho: “O presente volume reproduz integralmente e em rigorosa ordem cronológica cem documentos que obedecem à necessidade de oferecer num só *corpus* o que há de mais representativo do pensamento político, econômico e social de Simón Bolívar” (BIBLIOTECA AYACUCHO 2004, p. 21). O primeiro volume traz em si o espírito da coleção: integrar diversos pensamentos num *corpus* que recebe o nome de América.

Assim, a parte (o livro) expressa o todo em que se articula (a coleção). Desde os primeiros livros, a Biblioteca Ayacucho inscreve num *corpus* a narrativa que preenche sua existência. Assim, das *Doctrinas del Libertador* vai-se para o

<sup>15</sup> Ao assumir o cargo de diretor literário na Biblioteca Ayacucho, Ángel Rama intensifica a leitura dos chamados ensaios de interpretação da identidade: o brasileiro Gilberto Freyre, o venezuelano Mariano Picón-Salas, o cubano Fernando Ortíz. Parte dessas leituras é aproveitada em *Transculturación narrativa en América Latina*. Acerca do tema do ensaísmo na América Latina: cf. Benzaquen (2005) que analisa a obra de Freyre e Cunha (2007) que estuda a recepção de Picón-Salas e Ortíz em Rama. Em guisa de aprofundamento sobre a presença do Brasil na obra de Rama cf. Rocca (2006) que, a partir do contraste com a obra de Emir Rodríguez Monegal, estuda o projeto de América Latina construído por Rama nos anos sessenta.

<sup>16</sup> No original: “Casi nada de interés, sobre todo a causa de la estrechez nacionalistas de miras [...]. Compruebo, y con la mejor audiencia posible, la atroz incomunicación latinoamericana. Y, más que nada, la ausencia de un verdadero plano continental, unitario para medir su creación cultural, aplicando en la óptica crítica esa conciencia latinoamericana de la que tanto se habla y la que tan escasamente se practica”.

*Canto General* (volume 2) de Pablo Neruda, chegando em Rodó, integrando no mesmo volume (3) *Ariel* e *Motivos de Proteo*, o impulso político deriva em poesia e a seguir no discurso engajado de formação. Cria-se uma cosmogonia americana que transita entre gêneros dando a marca do cânon híbrido e inconcluso que a Biblioteca Ayacucho produz.

A produção do *corpus* da Biblioteca Ayacucho, também, passa a integrar a obra de Ángel Rama à medida que vai tecendo a história da formação e da origem da América, afirmindo sua existência física a cada volume. Assim, quanto mais o corpo físico da biblioteca se expande através dos livros incorporados à coleção, sua estrutura narrativa é perpetuada, pela garantia de que uma nova narrativa será conectada a que já existe. E acredito que essa lógica vai sendo aprimorada por Rama a ponto de que, em certos momentos, o *corpus* da Biblioteca Ayacucho passa a ser também o de seu idealizador. Na verdade, a metáfora do corpo preenchido por uma narrativa expressa o desejo ambíguo de totalidade em Rama, pois se cada livro é um *souvenir* da coleção que expressa a América, isso está garantido na certeza de que a totalidade jamais será alcançada. A Biblioteca Ayacucho já dura cerca de 40 anos, mantendo o projeto de uma coleção que perpetue o pensamento latino-americano.

Deste modo, Ángel Rama expressa decepção quando, em 25 de setembro, na primeira reunião da Comissão da Biblioteca Ayacucho, questionam a escolha de Simón Bolívar como autor para inaugurar a coleção. Vejamos: “Já são muito conhecidos! É tão assombroso que é inútil lhe dizer que os livros que justamente deverão formar a Biblioteca são os mais conhecidos. Límito-me a argumentar que em outras áreas do continente, desgraçadamente não é igualmente conhecido” (RAMA 2008, p. 58).<sup>17</sup>

Comentando a escolha de Bolívar como primeiro número da Biblioteca Ayacucho, Croce (2015, p. 86) nota que essa presença marca o entusiasmo latino-americanista e, também, atualiza o desgosto de Bolívar, em seus últimos dias de vida, em realizar o sonho de unir a América. Assim, podemos suspeitar que Rama emula em sua história pessoal esses dois pontos da trajetória de Bolívar. E, acredito, é essa heroicidade que dá o *corpus* da narrativa da Biblioteca Ayacucho.

Rama começa a estabelecer um projeto histórico e literário que escape às formações culturais “dominadas” e “oficiais”, que segundo Aguilar (2001) expressa seu esforço crítico de demonstrar que na América é a escrita, e não a oralidade, que mantém o poder do Estado. Assim, como na Biblioteca Ayacucho, Rama defende que a formação cultural latino-americana é produto de contradições de seu funcionamento que, segundo ele, se concretizam em obras do pensamento.

<sup>17</sup> No original: “¡Ya son muy conocidos! Es tan asombroso que es inútil decirle que los libros que justamente deberán formar la Biblioteca son los más conocidos. Me límito a argumentar que en otras áreas del continente, desgraciadamente no es igualmente conocido”.

### Referências bibliográficas

- AGUILAR, Gonzalo. Ángel Rama y Antonio Candido: salidas del modernismo. In: ANTELO, Raúl (org). **Antonio Candido y los estudios latinoamericanos**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2001.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e paz**: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- ARCHIVO de Ángel Rama. **La expulsión de Colombia**. Série 6. Caixa 36. Carapeta 1.
- BIBLIOTECA AYACUCHO. **Catálogo general 1974-2007**. Caracas: 2004.
- \_\_\_\_\_. **Texto de orelha**. Caracas: 1975.
- BLIXEN, Carina e BARROS-LÉMEZ, Alvaro. **Cronología y bibliografía de Ángel Rama**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986.
- BORGES, Jorge Luis. O Aleph. In: **Obras completas I**. Trad. Flávio José Cardoso. São Paulo: Globo, 2000, p. 686-698.
- COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina**: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa. São Paulo: Alameda, 2013.
- CROCE, Marcela. **La seducción de lo diverso**: literatura latinoamericana comparada. Buenos Aires: Interzona, 2015.
- 100 CUNHA, Roseli Barros. **Transculturação narrativa**: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama. São Paulo: Humanitas, 2007.
- GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil**: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. 2. ed. ampl. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012 [2003].
- GORDON-BURROUGHS, Jessica. Monuments and ephemera: the Biblioteca Ayacucho. **Contracorriente**, v.11, n. 3, p. 90-118, 2014.
- GREGORY, Stephen. **Intellectuals and left politics in Uruguay, 1958-2006**: frustrated dialogue. Eastbourne: Sussex Academic Press, 2009.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2011.
- LUKÁCS, Georg. **Soul and form**. Trad. Anna Bostock. Massachusetts: MIT press, 1978.
- PACHET, Pierre. **Les baromètres de l'âme**: naissance du journal intime. Paris: Hatier, 1990.
- PEYROU, Rosario. Prólogo. In: RAMA, Ángel. **Diario**: 1974-1983. Buenos Aires: El Andariego, 2008.
- RAMA, Ángel. **Diario**: 1974-1983. Montevideo: Trilce, 2008 [2001].

RAMA, Ángel. **La generación crítica (1939-1969)**: I Panorama. Montevideo: Arca, 1972.

ROCCA, Pablo. **Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil**: dos caras de un proyecto latinoamericano. 2006. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROSA, Sandro Ricardo. **O Diário de Ángel Rama**: a vítima e o carrasco. Tese (Doutorado em Literatura) – Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ROSSET, Clément. **Lógica do pior**. Trad. Fernando J. Fagundes e Ivana Bentes. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

STEWART, Susan. **On longing**: narratives of the miniature, the gigantic, the souvenir, the collection. Durham: Duke University Press, 1993 (Versão para Kindle).

WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um**: crítica literária, sociologia e filologia. São Paulo: Cosacnaify, 2007.